32º CURSO DE LITURGIA
Paróquia de Tapiratiba/SP.
Diocese de São João da Boa Vista.
Data: 17 a 19 de novembro de 2015.

AS CARACTERÍSTICAS DA LITURGIA

Introdução

Alguns meses atrás o Pe. Luiz Carlos Gonçalves convidou-me para assessorar um encontro de formação litúrgica para a vossa comunidade Paroquial. Primeiramente, agradeço de coração a confiança, embora ciente de minhas limitações.

A proposta é que nestas três noites reflitamos sobre ***"as características da litúrgica",*** o que não me parece uma tarefa nada fácil, caso pensemos em esgotar o assunto e o tratarmos com profundidade em cada um dos aspectos propostos levando em conta apenas três noites de reflexão. O tema em si é uma grande riqueza. Por isso mesmo, acredito que a nossa tarefa consiste em olhar alguns aspectos, talvez nos detendo com maior atenção em alguns elementos mais recorrentes em nossa prática, e que nos sirva de motivação para querer buscar sempre mais um aprofundamento daquilo que não é possível alcançar em tão pouco tempo.

Teremos sempre duas preocupações em mente: a primeira é a fidelidade ao ensinamento do magistério, levando em conta os documentos eclesiásticos, especialmente a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium* (SC), bem como os documentos da CNBB e os Livros Litúrgicos, "fonte primeira" do estudo litúrgico, que formam um polo importante para a nossa reflexão; a segunda preocupação é com o chão da comunidade, com a vida concreta de quem celebra a liturgia, pois é em razão da "santificação dos fiéis" e "para a glorificação de Deus" que se justifica e fundamenta a necessidade litúrgica da Igreja.

Vejamos as características:

1. Teocêntrica (centrada em Deus) e Antropocêntrica (centrada no Homem).
2. Cristocêntrica (centrada em Jesus Cristo).
3. Penematocentrica (centrada no Espírito Santo).
4. Celebrativa (torna celebre o fato)
5. Bíblica
6. Comunitária e Hierárquica
7. Pascal – Celebra sempre o Mistério Pascal.
8. Ação que constrói a Igreja
9. Celebração a vida.
10. Escatológica.

Algumas definições de liturgia

Antes de iniciarmos a reflexão propriamente dita sobre as características da Igreja, é oportuno retomarmos algumas das principais definições de liturgia. Nelas já podemos identificar algumas das características da liturgia.

Pio XII (Mediator Dei, 17 e 19 - 1947): "A liturgia é o culto (...) integral do Corpo Místico de Cristo (...); exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo".
Concílio Vaticano II (SC 7 – 1963): "A liturgia é tida como o múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é o exercido o culto público integral pelo corpo místico de Cristo, cabeça e membros".

II Conferência Episcopal Latino-Americana: Medellín (DM 9,4 – 1968): "No momento atual de nossa América Latina, como em todos os tempos, a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e a promoção, precisamente porque toda a criação está envolvida pelo desígnio salvador que abrange a totalidade do homem".

II Conferência Episcopal Latino-Americana: Puebla (DP 917 – 1979): "A liturgia (...) é um encontro com Deus e os irmãos; banquete e sacrifício realizado na Eucaristia; festa de comunhão eclesial, na qual o Senhor Jesus, por seu mistério pascal, assume e liberta o Povo de Deus e, por ele, toda a humanidade, cuja história é convertida em história salvífica, para reconciliar os homens entre si e com Deus. A liturgia é também força em nosso peregrinar, para que se leve ao bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus".

Tendo presente estas definições, é importante que consideremos, ainda, três elementos que devem ser profundamente unidos: ***o Rito Litúrgico***, ou seja, a estrutura da celebração, com suas ações, gestos, sinais sensíveis etc, que são perceptíveis pela corporeidade humana, ***o Sentido Teológico***, que se revela e transmite pelas palavras da forma ritual e pelo significado de cada sinal sensível e ***a Atitude Interior*** com que se deve realizar cada uma destas ações rituais.

Aqui se coloca a pergunta: como se dá a unidade destes três pontos? E, encontramos a resposta na ação dinamizadora da presença sempre viva e atuante do Espírito Santo, que opera na Igreja, e, portanto, na celebração litúrgica, a atualização do Mistério de Cristo, levando-o à sua verdadeira eficácia.

Contudo, é sempre necessário estar atentos para superar três grandes perigos: o primeiro perigo é o do mero ritualismo de belos cerimoniais bem executados, porém, vazios de sentido; o segundo perigo é o da racionalização litúrgica, expressa, sobretudo, por longos e elaborados "comentários" que desejam explicar tudo e põem em risco a contemplação a gratuita do inefável mistério divino que transcende, que vai além de qualquer compreensão possível do intelecto humano; por fim, e o perigo do sentimentalismo desequilibrado que considera válida e legítima somente a aquela liturgia em que se faz uma experiência empírica (palpável) dos ritos e sinais.

O que realmente necessitamos é chegar ao equilíbrio dos três pontos entendidos como uma ritualidade que nos faz compreender e participar do mistério celebrado de forma consciente e ativa e nos envolve afetiva e efetivamente no Mistério da graça salvífica, de modo que do coração agradecido sobre até Deus o perfeito louvor pela graça da redenção oferecida em Cristo Jesus: *"Corações ao alto. O nosso coração está em Deus. Demos graças ao Senhor, nosso Deus. É nosso dever e nossa salvação!"*

1) TEOCÊNTRICA E ANTROPOCÊNTRICA

Ao iniciar o texto da Constituição sobre a Sagrada Liturgia (SC), os padres do Concílio Vaticano II se expressaram com estas belíssimas palavras, como podemos ler:

> "***A liturgia, pela qual,*** principalmente no divino Sacrifício da Eucaristia, ***"se exerce a obra da nossa Redenção, constitui o modo mais excelente para que os fiéis exprimam em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da Igreja.*** *CARACTERIZA A IGREJA DE SER AO MESMO TEMPO, HUMANA E DIVINA*, visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e no entanto peregrina. E isso de modo que nela o humano se ordene ao divino e a ele se subordine, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura que buscamos. Por isso, ***a Liturgia de cada dia edifica em templo santo no Senhor, em tabernáculo de Deus no Espírito aqueles que estão dentro dela***, até à medida da idade da plenitude de Cristo, ao mesmo tempo admiravelmente lhes robustece as forças para que preguem Cristo. ***Destarte ela mostra a Igreja aos que estão fora*** como estandarte erguido diante das nações, sob o qual se congreguem num só corpo os filhos de Deus dispersos, ***até que haja um só rebanho e um só pastor"*** (SC 2).

A liturgia é **"Teocêntrica"**, pois tem sua origem na Trindade e, ao mesmo tempo, **"antropocêntrica"**, pois tem como participantes e destinatários de seu culto "os homens e as mulheres de todas as classes e nações, de todas as raças e línguas", que haverão de reunir-se "num mundo novo", convocados e redimidos pelo próprio Deus no mistério pascal de seu Filho, "para a ceia da comunhão eterna" (Cf. OE sobre reconciliação II, MR, p. 857).

Humana e divina é a Igreja, como também a liturgia que nela se celebra! Teocêntrica e antropocêntrica, pois neste diálogo entre o Divino e o humano se realiza o culto que perpetua o duplo movimento da história salvífica: soteriológico e doxologico, ou seja, da parte de Deus a santificação da humanidade e da parte da humanidade santificada o culto de louvor e adoração, a ação de graças pelo imenso dom com que foi agraciada. É a expressão da sinergia do Amor entre Deus Pai Criador, Deus Filho, Jesus Redentor e o Divino Espírito Santificador e suas Criaturas que foram regeneradas e redimidas pelo Sacrifício Pascal do Cordeiro Imolado e Santificadas na força vitalizante do Divino Paráclito, amor que procede do Pai e do Filho.

Em geral, iniciamos as nossas celebrações com o gesto litúrgico do "sinal da cruz" dizendo: "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". A liturgia é sempre uma "Obra da Santíssima Trindade" que "quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens" (1 Tm 2,4).

Ao descrever a liturgia como cume e fonte de toda a atividade da Igreja (SC 10) o Concílio Vaticano II também implica que seu anúncio e pastoral, sua teologia e cultura, assim como sua atividade caritativa constituem uma realização própria de vida e de missão da Igreja, na qual martyria, leitourgia e diakonia estão intimamente entrelaçadas entre si e se apoiam mutuamente.

O Papa Bento XVI nos recordou isto mesmo de uma forma sugestiva e convincente em sua primeira encíclica ***Deus caritas est***. Portanto, a liturgia não é um jogo com os sentimentos religiosos alheio ao mundo, mas preparação para o serviço no mundo em unidade interna de amor a Deus e ao próximo.

Na realidade, o caráter sacrificial da Eucaristia não depende da orientação da celebração nem se opõem a sua concepção como banquete.

O sacrifício de Cristo na cruz se faz presente de forma simbólica e real e no todo do mistério pascal da morte e ressurreição do Senhor nas palavras da consagração proclamadas pelo sacerdote ordenado, que faz visível a Cristo, cabeça da Igreja. Nele fala e age Cristo, quem na santa comunhão se une aos fiéis e representa assim a Igreja em sua unidade como "cabeça e corpo, a plenitude de Cristo" (cf. Ef 4,1s).

Por conseguinte, tem pouco sentido a alternativa de se o sacerdote celebra para Deus ou para a comunidade. Antes, a missa constitui uma comunhão de ação do sacerdote com todos os fiéis, na qual se realiza sempre de novo a Communio da Igreja, corpo de Cristo, com seu Senhor que edifica com sua graça salvífica e faz que cresça caminhando sempre em sua direção.

Deste modo também a consagração da Igreja em torno a Cristo, Palavra e Sacramento sobre o altar, é expressão de atualização do sacrifício de Cristo ao Pai e no que inclui também a entrega de todos os membros deste corpo ao Pai. Assim se realiza a comunhão mais íntima do homem com Deus e com seus semelhantes. Em Cristo, a Palavra de Deus feita carne y Senhor crucificado, com seus braços estendidos clamando ao Pai, ***A LITURGIA SEMPRE É TEOCÊNTRICA E ORIENTADA AO PRÓXIMO***, comunhão com Deus e com os demais fiéis como membros de seu corpo que é a Igreja (LG 1).

Diz o doc. 43 da CNBB: "Porque a Trindade é fonte e fim da Liturgia, o louvor, a glorificação do Senhor é uma constante no culto cristão".

Não nos esqueçamos, porém, de que a glória de Deus nas alturas realiza a paz na terra para as pessoas que ele ama. A transformação do homem e da mulher e do seu mundo é o meio seguro de glorificar a Deus que os quer à sua imagem e semelhança e participando do dom da vida com abundância (cf. Jo 10,10; Is 44,23)". (Doc. 43, 66).

Alguns pontos que devemos considerar:

- A Liturgia é sempre realizada em condições humanas específica.
- Os sacramentos contém uma concentração simbólica de uma riqueza antropológica-salvífica.
- A Liturgia é um encontro dialogante na fé:
    - Encontro de Cristo e a Igreja no Espírito
    - Encontro Dialogal com a Trindade
    - Encontro Oracional de Deus que chama o homem e do homem que busca a Deus.
    - Encontro que supõe, expressa e alimenta a fé.

2) CRISTOCÊNTRICA – CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL

Na última ceia ouvimos as palavras de Jesus Cristo, que se especialmente em cada celebração Eucarística: ***"Fazei isto em memória de mim"***.

"A ação litúrgica é **memorial:** atualiza os fatos passados que, em Cristo e por Cristo, são sacramentos de salvação. Além disso, tem a força de tornar presente as realidades futuras, levando os que a celebram a se inserirem no projeto de Deus. Como torrente de graças transbordando na história, o memorial celebra também em Cristo, os acontecimentos da vida do Povo de Deus. Os milhares de homens e mulheres individual ou coletivamente, sob a ação do Espírito Santo, encheram de vida, sentido e luz a sua história, revivendo nela o mistério pascal de Jesus Cristo" (Doc. 43, 65)

No capítulo I da SC, ao falar da natureza da Sagrada Liturgia, e depois de afirmar que "a obra da salvação, prenunciada por Deus, é realizada em Cristo" (SC 5), o Vaticano II encabeça o número seguinte com o título: ***"A obra de Cristo continua na Igreja e se coroa em sua liturgia"*** e assim o descreve: "Como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino de Pai, ***mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica.*** Assim, pelo Batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com Ele mortos, com Ele sepultados, com Ele ressuscitados; recebem o espírito de adoção de filhos, "pelo qual clamamos: Abba, Pai" (Rm 8,15), e assim se tornam os verdadeiros adoradores procurados pelo Pai. Da mesma forma, toda vez que comem a ceia do Senhor, anunciam-lhe a morte até que venha. Por este motivo, no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja apareceu ao mundo, "os que receberam a palavra" de Pedro "foram batizados". E "perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na comunhão da fração do pão e nas orações, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo" (At 2,41-42.47). Nunca, depois disto, a Igreja deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal: lendo "tudo quanto a Ele se referia em todas as Escrituras" (Lc 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual se torna novamente presente a vitória e o triunfo de sua morte" e, ao mesmo tempo , dando graças 'a Deus pelo dom inefável" (2 Cor 9,15) em Jesus Cristo, "para louvor de sua glória (Ef 1,12), pela força do Espírito Santo" (SC 6).

Dito isto, o Concílio afirma com clareza as formas de presença de Cristo na Liturgia, pela qual podemos afirmar sem erro que todo celebração litúrgica é sempre Cristocêntrica: "Para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacritício da missa, tanto na pessoa do ministro, "pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz", quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está pela sua força nos sacramentos, de forma que quando alguém batiza é Cristo quem batiza. Presente está pela sua Palavra, pois é ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles" (Mt 18,20)

Realmente, em tão grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo sempre associa a Si a Igreja, Sua Esposa diletíssima, que invoca seu Senhor e por Ele presta culto ao Pai. (Com razão, pois, a Liturgia é...)

Disto se segue que toda celebração litúrgica como obra de Cristo sacerdote, e de Seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja". (SC 7)

Pois bem, a presença de Cristo, sempre associado ao seu Corpo Eclesial é uma realizada em cada celebração litúrgica! De muitos modos podemos perceber esta presença e ela vai se expressando também nas orações e na forma direta e dialogal dos ritos que se dirigem a Cristo, ao ponto que algumas orações litúrgicas são diretamente dirigidas ao Cristo. Vejamos dois exemplos:

Missa do Corpus Christi: Oração do dia: "Senhor Jesus Cristo, neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão. Dai-nos venerar com tão grande amor o mistério do vosso Corpo e do vosso Sangue, que possamos colher continuamente os frutos da vossa redenção. Vós que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo" (cf. MR, p. 381). Depois da comunhão: "Dai-nos, Senhor Jesus, possuir o gozo eterno da vossa divindade, que já começamos a saborear na terra, pela comunhão do vosso Corpo e do vosso Sangue. Vós que viveis e reinais para sempre" (Cf. MR, p. 381).

Oração pela paz após o Pai nosso: "Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos vossos Apóstolos: Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Não olheis os nossos pecados..." (Cf. MR, p. 501).

Esta centralidade de Cristo na liturgia não se dissocia da ação Trinitária. Como sabemos, e é bom não esquecer, toda oração litúrgica na Tradição da Igreja é sempre dirigida ao Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo.

CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL

Embora na proposta inicial de nosso programa a característica "celebração do mistério pascal" figure como item 7, achei por bem não separá-la da característica "cristocêntrica", afinal, não vejo como falar de Cristo e não falar de seu Mistério Pascal.

Acima já nos referimos ao Concílio Vaticano que recordou a "obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus" plenamente realizada por "Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão". O Concílio recorda também que o envio dos Apóstolos e a consequente missão da Igreja tem por finalidade "levar a efeito" esta obra salvífica e que por isso mesmo "Nunca (...) a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal: lendo 'tudo quanto a ele se referia em todas as escrituras' (Lc 24,27), celebrando a eucaristia, na qual se torna presente a vitória e o triunfo de sua morte (Conc. de Trento) e, ao mesmo tempo, dando graças 'a Deus pelo dom inefável' (2 Cor 9,15) em Jesus Cristo, 'para louvor de sua glória' (Et 1,12), pela força do Espírito Santo" (SC 5s).

O mistério pascal é, portanto, a páscoa de Jesus que ele viveu, sua paixão, morte, ressurreição e ascensão. Esta páscoa, no entanto, é o ponto culminante de toda a vida e obra pascal de Jesus. E devemos abrir o horizonte ainda mais: Ela tinha seus prelúdios no antigo testamento e se completará no fim dos tempos. Ela é realmente o centro de toda a história da salvação.

No entanto, desde que Jesus, que se tinha tornado um de nós pela encarnação, nos uniu a si pelo dom do Espírito Santo, que é o fruto da sua páscoa, somos um com ele e ele conosco como membros do seu Corpo Místico, como filhos e filhas do Pai do céu. Assim também nossa vida e história são vida e história de Cristo glorioso. Os bispos latino-americanos reunidos em Medellin disseram claramente que Cristo está "ativamente presente em nossa história" e que "não podemos deixar de sentir seu passo que salva quando se dá o verdadeiro desenvolvimento" (Medellín, introdução n. 5-6). Portanto, nosso sofrer e vencer são participação da morte e ressurreição de Cristo, da sua páscoa. ***A páscoa de Cristo continua na páscoa do povo.***

Ora, é esta páscoa de Cristo e do povo que celebramos quando na liturgia anunciamos a morte do Senhor e proclamamos a sua ressurreição, até que ele venha. É como também os bispos em Medellín constataram: "A presença do mistério da salvação, enquanto a humanidade peregrina até sua plena realização na parusia do Senhor, culmina na celebração da liturgia eclesial" (Cap. 9,2).

Ainda uma outra dimensão do mistério pascal e de sua celebração foi destacada em Medellín, quando os bispos declararam: "O gesto litúrgico não é autêntico se não implica um compromisso de caridade, um esforço sempre renovado para ter os sentimentos de Jesus Cristo e uma continua conversão" (9,3). Logo em seguida lemos: "Na hora atual de nossa América Latina, como em todos os tempos, celebração litúrgica coroa e comporta um compromisso com a realidade humana (...) precisamente porque toda a criação está inserida no desígnio salvador" (9,4).

Desta maneira Medellín explicitou e acentuou uma constatação que o Concílio Vaticano II já tinha feito, dizendo que "a liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força" (SC 10). Embora o Concílio tenha falado da liturgia como cume e fonte da ação da Igreja, é evidente que a liturgia, na qual celebramos o mistério pascal, é o ponto culminante também de toda a vida da Igreja, e não apenas da Igreja, e sim de toda a humanidade e de sua história.

Estas características vão se expressando e clarificando em muitas expressões da liturgia. Dentre as muitas orações que podemos tomar como exemplo, vejamos esta que fala da obra salvífica realizada em Cristo e continuada na Igreja, e que encontramos logo após o salmo da primeira leitura de Gn 1,1-2,2, na Vigília Pascal:

> *"Deus eterno e todo-poderoso, que dispondes de modo admirável todas as vossas obras, dai aos que foram resgatados pelo vosso Filho a graça de compreender que o sacrifício de Cristo, nossa Páscoa, na plenitude dos tempos, ultrapassa em grandeza a criação do mundo realizada no princípio. PCNS."* (Cf. MR 24, p. 279).

Também a exortação após o Precônio Pascal (Exulte!) deixa claro que toda a liturgia da Palavra da Vigília é o momento para se colocar na contemplação da obra salvífica realizada na história do Povo da antiga Aliança, e nos últimos tempos com o envio do Filho Redentor. Por isso, na voz do presidente da celebração eleva ao Pai a seguinte súplica, claramente pascal: ***"Peçamos que o nosso Deus leve à plenitude a salvação inaugurada na Páscoa".*** Aqui podemos entender que a liturgia é o lugar desta "maturação" paulatina da obra salvífica, que inaugurada uma vez por todas na Páscoa de Cristo, é "levada a efeito" em cada pessoa por meio do Batismo e dos demais Sacramentos e se plenificará na glória definitiva.

Neste sentido, podemos dizer que *HÁ UMA ÚNICA PÁSCOA, A PÁSCOA DE CRISTO*, ***que se faz Páscoa na VIDA do Povo de Deus e se expressa nos RITOS que celebramos.***

Afinal, de toda a liturgia, mas de modo especial "sendo memorial de Cristo, a Eucaristia não consiste apenas em renovar os gestos da Ceia, mas também em renovar os gestos de Cristo na páscoa de sua vida, morte e ressurreição: louvor ao Pai a partir das circunstâncias de nossa Igreja caminhante, oferecer o sacramento memorial do sacrifício de Cristo, mas ao mesmo tempo oferecer-nos a nós mesmos na nossa páscoa, páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo" (Doc. 43, 300). Por fim, haverá de ser Páscoa PLENA na parusia, na glória celeste, quando tivermos feito a derradeira Páscoa deste mundo para a casa do Pai, na mais profunda experiência factual de nossa participação no mistério da morte, sepultura e ressurreição do Senhor, como se expressa no memento pelos defuntos da OE III: "Concedei-lhe que, tendo participado da morte de Cristo pelo batismo, participe igualmente da sua ressurreição, no dia em que ele ressuscitar os mortos, tornando o nosso pobre corpo semelhante ao seu corpo glorioso" (Cf. MR, p. 486).

3) PNEUMÁTICA

O tempo da Igreja é considerado o "Tempo do Espírito Santo". Portanto, é imprescindível a compreensão da presença do Espírito Santo na Liturgia, pois cada celebração possui eficácia tão somente como "obra e presença do Espírito Santo".

Em todos os Sacramentos podemos perceber com clareza que há um elemento imprescindível, que chamamos de "epíclese", ou seja, invocação do Espírito Santo, e que está sempre colocado no coração de cada rito e lhe dá a sua verdadeira força e eficácia. Particularmente na celebração Eucarística há o que chamamos de "dupla epíclese: uma sobre as oferendas e outra sobre a assembleia".

Liturgia: ação da Igreja e do Espírito Santo.

A presença e a atuação de Cristo na Igreja encontra seu ápice na liturgia em virtude do Espírito Santo. Cristo, por sua vez, se torna presente pela ação da Igreja. A liturgia é o lugar, por excelência, no qual o Senhor se manifesta e atua. É também o lugar onde o "Corpo de Cristo" se revela e se manifesta como Igreja. (SC 2).

O mistério pascal de Jesus Cristo, como objeto da liturgia, encontra sua culminância no mistério de Pentecostes. ***A páscoa é*** a imolação e a glorificação de Cristo. ***Pentecostes é*** a sua exaltação como Senhor da Igreja, repleta do espírito Santo, que a transforma na comunidade litúrgica com a missão de continuar a celebrar o mistério da salvação encarnado na história. Para levar a termo obra tão importante, Cristo está sempre presente em sua Igreja sobretudo na ação litúrgica para a glória de Deus e para a salvação dos homens (SC 7).

A ação litúrgica é ação de Cristo, da Igreja e do Espírito Santo. ***O Espírito Santo foi a força que impulsionou o Filho de Deus a realizar a vontade do Pai até as últimas consequências. O Espírito Santo continua sendo, na liturgia, a força espiritual da Igreja.*** O Espírito Santo age, não somente sobre as oferendas, mas sobre toda a Igreja, sobre toda a assembleia (Cf. dupla epíclese da OE). Além disso, no âmbito da celebração, o Espírito Santo realiza o memorial das palavras, dos acontecimentos da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo e conduz os presentes à comunhão e ao louvor perfeito do Pai.

É o Espírito que reúne o povo em assembleia para a escuta da Palavra de Deus e para celebrar a Palavra feita carne e alimento e, em união com o mesmo Cristo, oferece-lo como oblação pura, e assim comprometer-se a viver mais intensamente a fraternidade.

A liturgia, sobretudo a eucaristia, edifica a Igreja, e a Igreja celebra a liturgia. A assembleia reunida não se torna "Corpo de Cristo" pelo simples fato de comungar, senão pela união ao sacrifício de Jesus, e deixando-se vivificar pela ação do Espírito do Senhor, aos cristãos santificados pelo Espírito de Deus se transformam em templos santos de Deus (cf. 1Cor 6,19); a Igreja se revela como templo e a morada de Deus no Espírito que faz surgir e crescer a comunidade, na qual os cristãos oferecem sua vida ao Pai pela mediação de Jesus Cristo, e é enviada ao mundo como sinal de salvação.

Vejamos alguns exemplos da característica pneumatológica expressa na eucologia litúrgica:

"Ó Deus, governai pelo vosso Espírito aos que nutris com o Corpo e o Sangue do vosso Filho. Dai-nos proclamar nossa fé não somente em palavras mas também na verdade de nossas ações, para que mereçamos entrar no reino dos céus" (Depois da comunhão, 9º DTC, MR, p. 353)

"Fortificados por este alimento sagrado, nós vos damos graças, ó Deus, e imploramos a vossa clemência; fazei que perseverem na sinceridade do vosso amor aqueles que fortalecestes pela infusão do Espírito Santo. PCNS" (Depois da comunhão, 32º DTC).

"Desçam as vossas copiosas bênçãos sobre esta esposa N. e sobre N. seu companheiro de vida. Que a força do vosso Espírito inflame, do alto, os seus corações" (Bênção nupcial, RM 244, p. 121)

"Pela infusão do Espírito Santo, nos tornais participantes da vitória pascal" (Cf. Pf. da Unção dos Enfermos, MR, p. 443).

"Na verdade (...) No batismo nos concedeis o dom da fé, fazendo-nos participantes do mistério pascal de vosso Filho. Pela imposição das mãos e a unção real do Crisma, nos confirmais com o selo do Espírito Santo, para celebrar o milagre de Pentecostes. Ungidos pelo Espírito, e alimentados no banquete eucarístico, nos tornamos imagens de Cristo Senhor, para anunciar ao mundo a certeza da salvação, e dar, na Igreja o testemunho da fé redentora. Reunidos nesta assembleia festiva, reconhecemos em vós a fonte de todo o bem e o fundamento da nossa paz. Enquanto esperamos a plenitude eterna, proclamamos a vossa glória..." (Prefácio da Missa da Crisma. RC 58, p. 47-48).

4) BÍBLICA – A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

Uma das principais recomendações do Concílio Vaticano II, posta em evidência na SC foi a necessidade de "restaurar" a "leitura da Sagrada Escritura" nas celebrações, com o intuito de que passasse a ser mais abundante, variada e apropriada. Ligada a esta restauração da "leitura da Sagrada Escritura", deu-se atenção ao "sermão" como "parte da ação litúrgica" e ao "ministério da pregação" com a recomendação de que este fosse cumprido "com muita fidelidade e exatidão", tendo por fonte primeira a "Sagrada Escritura" e a própria "Liturgia", "sendo como que a proclamação das maravilhas divinas na história da salvação ou no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera, sobretudo nas celebrações litúrgicas" (Cf. SC 35).

De fato, reforma litúrgica pós-conciliar ocupou-se em dar grande atenção ao lugar da Palavra de Deus na litúrgica e à reestruturação dos Livros litúrgicos que contém e distribuem os textos Sagrados no decorrer do Ano Litúrgico e suas festas, bem como nas ocasiões em que se celebram os Sacramentos e os sacramentais. Por isso, além dos ***LECIONÁRIOS PARA AS MISSAS,*** com seus volumes específicos para os Ciclos Dominicais, para os dias Semanais e para o Santoral, temos os ***LECIONÁRIOS DOS SACRAMENTOS e dos SACRAMENTAIS***, que são uma preciosa abundante seleção textos Sagrados apropriados para diversas circunstâncias da vida (SC 51). Neste contexto, não podemos nos esquecer da ***LITURGIA DAS HORAS***, que também é uma riquíssima oferta cotidiana da Palavra de Deus para as "Horas Litúrgicas" ao longo do ciclo diário, numa estrutura específica para cada Tempo do Ano Litúrgico, de forma particular o Ofício das Leituras.

O antigo "sermão temático", muitas vezes proferido fora do contexto celebrativo, deu lugar ao que hoje chamamos de "homilia". Por meio dela o Concílio deseja que sejam ***"expostos os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir dos textos sagrados"*** levando-se em conta o ***"decurso do ano litúrgico"***. Lembra que "não deve ser omitida sem grave causa nas missas dominicais e nos dias de guarda, celebradas com assistência do povo" (SC 52).

Daqui decorre a importância de considerarmos o ***MINISTÉRIO DA PALAVRA*** como algo fundamental e que não pode ser descuidado em uma comunidade que realmente se preocupa com a vida litúrgica.

Igreja: Casa da Palavra.

Em seus documentos mais recentes, particularmente no doc. 100, os Bispos do Brasil ressaltam que a "A comunidade cristã é a casa da Palavra, na qual o discípulo escuta, acolhe e pratica a Palavra. ***A Igreja se define pelo acolhimento do Verbo de Deus que, encarnado, armou a sua tenda entre nós*** (cf. Jo 1,14). ***A morada de Deus entre os homens (shekinah – cf. Ex 26,1), prefigurada no Antigo Testamento, "realiza-se agora com a presença definitiva de Deus no meio dos homens em Cristo*** (VD 50)" (Doc. 100, nº 170).

A liturgia é o lugar privilegiado para a Igreja escutar a voz do Senhor: "Considerando a Igreja como 'casa da Palavra', deve-se, antes de tudo, dar atenção à Liturgia sagrada, que constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente de nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde" (VD 52). Cada cristão precisa encontrar-se pessoalmente com Jesus Cristo e fazer um ato de adesão total ao Senhor. A comunidade é, desta forma, a casa da iniciação à vida cristã. Igualmente, os Círculos Bíblicos e a prática da Leitura Orante da Palavra, nas perspectivas da animação bíblica da pastoral, muito podem oferecer para que esse encontro se realize (Doc. 100, nº 180). Observe: No Estudo 104 da CNBB, este texto corresponde aos números 76 e 77 (Cf. p. 44).

Vejamos agora alguns elementos indicadores da característica bíblica na liturgia, sob o sinal visível do Livro Sagrado e a forma das orações:

a) No Rito de Admissão ao catecumenato, depois da homilia a Bíblia é entregue aos catecúmenos, "com dignidade e reverência", entrega que se faz com as seguintes palavras: "Recebe o livro da Palavra de Deus. Que ela seja luz para a tua vida" (Cf. RICA 93, p. 41).
b) Na Instituição dos Leitores também se entrega a Bíblia àquele que foi instituído no Ministério, que tem como centro o serviço da Palavra de Deus.
c) Na Ordenação dos Diáconos o Livro dos Evangelhos é Entregue aos Diáconos; na Ordenação Episcopal o Evangeliário é sustentado por dois diáconos sobre a cabeça do novo bispo durante a Oração Consecratória.
d) No Sacramento do Matrimônio, com o "Rito adaptado para o Brasil", se prevê a entrega da Bíblia aos noivos, que é feita logo após as leituras (Cf. RM 18, p. 150).
e) Na Dedicação das Igrejas também há um momento especial, antes da liturgia da Palavra, em que o Livro Sagrado é entregue ao Bispo, que, por sua vez, o entrega ao Leitor a fim de que proceda à sua leitura na assembleia.
f) Nos Ritos de exéquias se prevê que a Bíblia ou o Evangeliário seja colocado sobre o caixão do defunto durante as celebrações dos funerais.
g) Por fim, dentre outros tantos momentos significativos, recordamos o lugar que o Livro Sagrado ocupa nas "procissões" que se fazem dentro da celebração, sobretudo na entrada da Missa e antes da proclamação do Evangelho.

Havemos de ressaltar sempre que a Palavra de Deus possui uma eficácia de Salvação e não pode haver celebração de Sacramento ou sacramental sem que aconteça a Liturgia da Palavra. Esta é uma característica imprescindível para a liturgia.

Contudo, esta Palavra é comunicada por um "instrumento humano" que é a voz do Ministro que a faz Palavra Viva. Muito mais do que o LIVRO, é a VOZ, A PALAVRA COMUNICADA. Deste modo, não descuidemos que o mais importante é COMUNICAR BEM A PALAVRA DE DEUS, sobretudo, educar a assembleia para a IMPORTÂNCIA DA ESCUTA e do ACOLHIMENTO DA PALAVRA DO SENHOR, que é sempre e eficazmente PALAVRA DE SALVAÇÃO.

Não é por acaso que a cada manhã a liturgia das laudes nos faz orar: ***"Oxalá ouvisses hoje a sua voz: 'Não fecheis o coração como em Meriba, como em Massa, no deserto, aquele dia, em que outrora vossos pais me provocaram, apesar de terem visto as minhas obras" (Salmo 94,8-9).***

5) COMUNITÁRIA E HIERÁRQUICA

As assembleias litúrgicas revelam que o povo participante é o "Povo de Deus adquirido pelo Sangue de Cristo, reunido pelo Senhor, alimentado por sua Palavra. Povo chamado para elevar a Deus as preces de toda a família humana e dar graças, em Cristo, pelo mistério da salvação. Povo que cresce na comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo" (IGRM 5). O Vaticano II afirma que ***"aprouve a Deus santificar e salvar os homens NÃO ISOLADAMENTE (...) MAS EM POVO que o reconhece na verdade para servi-lo santamente"*** (LG 9; GS 32).

A assembleia litúrgica é resultado da convocação e da adesão à Palavra de Deus e é destinada a ser fonte de comunhão. Em vista disto requer real empenho e atenção na sua constituição. "Só uma evangelização que anuncia a Palavra e faça com que os cristãos descubram nela a razão de se reunirem, poderá fundamentar a assembleia eclesial e distingui-la das demais reuniões com os mais variados objetivos".

Perceber a atuação, acolher a Palavra de Deus e celebrar a Aliança na própria vida, é dom da fé que exige algumas condições por parte do homem: assumir a vida como processo de conversão no seguimento de Jesus Cristo. Isto requer "uma opção de vida, uma adesão de toda a pessoa a Cristo, a Deus e a seu projeto" (CR 64).

Celebração litúrgica é sempre momento singular na perspectiva da comunhão. Assim sendo, "a união dos irmãos na assembleia deverá ir crescendo ao longo da celebração, até culminar na comunidade de todos no Corpo e no Sangue do Senhor". ***A koinonia*** deverá ser a mais abrangente possível (cf. Gl 3,28s), pois a ***discriminação*** (moral, social, econômica, política e cultural) ***de e entre as pessoas não corresponde à realidade intrínseca da assembleia cristã e ao espírito da liturgia eclesial.***

Normalmente, bem no início da celebração a assembleia, consciente desta Koinonia, põe em evidência esta característica comunitária ao responder à saudação de quem preside com as palavras rituais: ***"Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo".*** Mais adiante, na OE o sacerdote recita a seguinte oração: ***"E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e do Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo"***, ao que a assembleia responde: ***"Fazei de nós um só corpo e um só espírito".*** Estas são expressões colocadas no coração da liturgia, a própria celebração Eucarística, que revelam um povo congregado no amor de Cristo, partícipe do mistério de sua páscoa (Corpo e Sangue) e reunido pelo Espírito Santo para ser ***"UM SÓ CORPO"***, o "Corpo Eclesial do Senhor" – também chamado de "Corpo Místico do Senhor". (Cf. OE II, MR, p. 480).

Na OE III usa-se a expressão ***"Família"*** que se reúne na presença do Pai e aponta para outros irmãos ***"dispersos pelo mundo inteiro"*** (Cf. MR, p. 485). Aqui a ideia de comunidade é ainda mais forte, pois vem associada à imagem da família como primeira célula de amor vínculo de convivência humana em comunidade. Ainda, na OE V (de Manaus) se diz: ***"E quando recebermos Pão e Vinho, o Corpo e Sangue dele oferecidos, o Espírito nos uma num só corpo, para sermos um só povo em seu amor"*** e, mais adiante suplica-se ***"E a nós, que estamos reunidos e somos povo santo e pecador, dai força para construirmos juntos o vosso reino que também é nosso"*** (Cf. MR, p. 498-499). É muito forte e evidente a característica comunitária que se expressa e vai evidenciando por meio destes textos litúrgicos.

Também em outras orações encontramos fortes expressões desta característica comunitária da Igreja, que se revela na liturgia, como podemos no Prefácio VIII, para os DTC, que tem como título *"A igreja reunida pela unidade da SS. Trindade"*: "Quisestes reunir de novo, pelo sangue do vosso Filho e pela graça do Espírito Santo, os filhos dispersos pelo pecado. ***Vossa Igreja***, reunida pela unidade da Trindade, é para o mundo o ***Corpo de Cristo*** e o ***Templo do Espírito Santo*** para a glória da vossa sabedoria".

"A liturgia, embora não se reduza à dimensão comunitária e participativa, celebra esta dimensão da vida da Igreja e é a expressão maior da comunhão e participação. Isto é, a expressão maior da comunidade é o momento do culto, mas a comunidade não existe somente no ato da celebração. ***No culto, a Igreja celebra a sua vocação de viver em comunidade,*** celebra os carismas a serviço da vivência de crescente comunhão de vida e de amor, faz das diversas vocações e carismas motivo de sua ação de graças, de sua celebração" (cf. CNBB. Por um novo impulso, nº 107).

Assim sendo, devemos constatar que sendo comunitária a celebração necessita e exige uma organização e esta na Igreja se expressa de forma ***HIERÁRQUICA***. Sendo a liturgia uma **ação comunitária,** o sujeito da celebração é todo o POVO SACERDOTAL, o "Corpo Místico de Cristo – Cabeça e Membros". Pela graça batismal e pela graça do ministério ordenado este se constitui como um Povo Sacerdotal (Sacerdócio Comum e Sacerdócio Ministerial), onde cada um é chamado a exercer um MINISTÉRIO ESPECÍFICO e participar a seu modo próprio fazendo tudo e tão somente aquilo que lhe compete, como bem se afirma na Constituição sobre a Liturgia do Concílio Vaticano II: ***"Nas celebrações litúrgicas, CADA QUAL, MINISTRO***

OU FIEL, ao desempenhar sua função, FAÇA TUDO E SÓ AQUILO QUE pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas LHE COMPETE" (SC 28). Em seguida, os padres conciliares falam sobre o modo como se deve fazer: *"cumpram sua função com piedade e sejam bem instruídos"* (SC 29) e insiste na importância da *"participação ativa dos fiéis"* (SC 30), que deve ser sempre "plena e consciente", para que chegue a ser "frutuosa" (SC 14).

É importante considerar que a característica hierárquica não deve ser levada em conta apenas por uma questão organizacional, mas até mesmo em se tratando da validade e da liceidade da celebração. Afinal, para que alguém exerça valida e licitamente o Ministério Litúrgico necessita ter o caráter, bem como a jurisdição canônica, sobretudo no caso dos Ministros Ordenados e nos casos em que se faz necessária a Instituição e a Provisão dada pelo Ordinário competente.

Evidentemente, muitos ministérios litúrgicos não necessitam deste rigor canônico jurisdicional, pois o seu exercício deriva da própria qualificação dada pela participação no "sacerdócio comum do Povo batismal". Mas, sempre é um DIREITO ADQUIRIDO SACRAMENTALMENTE, seja pelo Batismo, seja pelo Sacramento ou Sacramental específico que o investiu e qualificou para o exercício de tal função.

Como ação do Povo de Deus hierarquicamente organizado, a liturgia é ápice e fonte da vida cristã (SC 10) tanto para a Igreja universal como para a Igreja local e para cada um dos membros da comunidade reunida na assembleia, tributando um culto perfeito ao Pai em Cristo, com Cristo e por Cristo (SC 7).

As ações litúrgicas são celebrações da Igreja, do povo de Deus unido e organizado sob a presidência de seus pastores (SC 26). As celebrações litúrgicas pertencem ao povo de Deus. Pela Palavra de Deus e participação de cada fiel se constitui a assembleia. Em virtude do batismo, os cristãos reunidos em assembleias se tornam povo sacerdotal, e por isso celebrante.

Nisto tudo, é importante enfatizar que na comunidade litúrgica hierarquicamente organizada há uma DIVERSIDADE DE MINISTÉRIOS E CARÍSMAIS, característica que deve ser muito bem cuidada é a valorização: presidência; diáconos; presidência de leigos; ministérios instituídos; outros serviços... Isto sempre exige a presença de uma EQUIPE DE LITURGIA, que é um ministério "em vistas da ação pastoral litúrgica" e para por ordem e harmonizar todos os ministérios necessários à celebração (SC 43).

A própria assembleia é constituída de uma diversidade de pessoas – desde crianças recém-nascidas até pessoas idosas, provenientes entre outras de situações econômicas, culturais muitas vezes distintas, mas que apesar das diversidades não impedem a unidade na pluralidade. Não se busca uniformidade, mas comunhão fraterna, unidade que nasce da consciência filial e da fé comum que nos impele a viver num só Coração em Cristo: Cor Unum – "Vede como eles se amam"!

6) CELEBRATIVA (TORNA CÉLEBRE O FATO)

"A liturgia é o ápice e a fonte da vida da Igreja, um encontro com Deus e com os irmãos. Nela celebramos o mistério da presença operante de Deus em nossa caminhada, a ação de Deus em nosso dia-a-dia, o esforço de libertação total. Ela é também força em nosso peregrinar, para que levemos a bom termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do reino, segundo o plano de Deus" (CR 224).

Na liturgia celebra-se sempre a totalidade da vida da Igreja, abrangendo todas as suas dimensões. Estas exprimem as diversas facetas da mesma vida da Igreja. As dimensões não existem isoladamente e nem podem ser tomadas em separado, nem paralelamente. Elas se interpenetram e se fortalecem umas às outras. Cada uma das dimensões possui, porém, sua identidade. Uma não pode ser reduzida à outra.

Assim, devemos distinguir o momento celebrativo ou a dimensão litúrgica, das demais dimensões. Será preciso distinguir o momento celebrativo de outros momentos da ação da Igreja: no serviço comunitário e participativo, no anúncio, na catequese, no ecumenismo e diálogo inter-religioso na ação profética e transformadora do momento celebrativo.

A liturgia celebra estas dimensões da vida da Igreja, pois evoca o Cristo que serve, o Cristo que anuncia a boa-notícia, o Cristo que ensina, o Cristo que ensina, o Cristo que veio para reunir todos na unidade, o Cristo na sua ação profética e transformadora.

Tornar celebre é evidenciar de modo festivo e alegre esta presença viva de Cristo na celebração, que por meio do seu Mistério Pascal age e leva a efeito a sua obra redentora. É proclamar solenemente as maravilhas da Trindade que nos chama das trevas a participar de sua glória incomensurável e dizer com voz firme e convícta: "*Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre!".* É proclamar com o triunfal hino do *Te Deum* que "Todo-poderoso é o nosso Deus e Santo é o seu Nome".

7) CELEBRAÇÃO DA VIDA – COMPROMISSO TRANSFORMADOR DA REALIDADE

Neste curso já nos referimos várias vezes como a liturgia nos conduz à celebração da vida e ao compromisso com a vida.

De fato, a ação profética e transformadora da Igreja integra-se e está presente de muitos modos no momento celebrativo. Está presente, evocando o Cristo Profeta do Pai. Está presente porque a ação profética e transformadora dos cristãos é experiência pascal assumida e expressa no rito. Enquanto na própria litúrgica se proclama a Palavra de Deus, denunciando o que se opõe ao Reino de Deus e exigindo uma vida de acordo com a Palavra de Deus proclamada. Porque a experiência celebrativa em si mesma tem uma dimensão escatológica que, como tal, prenuncia e antecipa uma realidade última já presente. Ela denuncia toda forma de convívio humano que não corresponde ao que é celebrado. Finalmente, toda a celebração constitui renovação da Aliança com Deus, renovação do compromisso de viver de acordo com aquilo que é celebrado.

A liturgia exprime sua dimensão profética e transformadora pelo fato de ter em conta a realidade existencial da assembleia. Por suas formas rituais, toca as tensões mais profundas, ajuda a viver e celebrar a "passagem da conversão" de pecadores a homens reconciliados e fraternos. É autêntica passagem na qual se manifesta a ação do amor do Pai que convoca a todos a participarem comunitariamente, como sujeitos, na construção do mundo e da história.

A liturgia transforma na mesma medida que nos aproxima, o mais intimamente possível, do Cristo salvador e nos envolve com seu Espírito e sua graça. Por esta somos levados a crescer até a medida da idade da plenitude de Cristo, superando assim a ruptura tão comum entre oração e trabalho, entre fé e vida, entre vivência pessoal, familiar e social, ***"porque o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana"*** (cf. DP 515).

Somente os convertidos pela boa-nova do evangelho, isto é, os que fazem as obras dignas de mentalidade nova, como enfatizou Paulo ao rei Agripa (cf. At 26,20), assumem o ato litúrgico como saída para fora de si mesmos, na doação de si ao Senhor, vivo nos irmãos. Aqui, conversão significa radical transformação de nós mesmos. Significa pensar, sentir e viver como Cristo presente no homem despojado e marginalizado, comprometer-se com o processo de libertação dos pobres e explorados, comprometer-se lúcida, realística e concretamente.

8) AÇÃO QUE REVELA E CONSTRÓI A IGREJA

No Rito de Admissão dos Catecúmenos, após o diálogo inicial do entre quem preside a celebração e os candidatos ao catecumenato, bem como com os introdutores, e manifestadas as retas intenções de percorrer o Itinerário de preparação aos Sacramentos, após a assinalação dos sentidos com o sinal da cruz e a oração, realiza-se o INGRESSO NA IGREJA. O presidente diz aos catecúmenos: ***"Entrem na igreja, para participar conosco na mesa da Palavra de Deus"***

Este convite para INGRESSAR NA IGREJA é profundamente significativo e revelador de que a COMUNIDADE CRISTÃ, "IGREJA VIVA", é uma ASSEMBLEIA DE CONVOCADOS. A iniciativa do chamado sempre vem de Deus, que através do seu Espírito congrega o seu povo e o reúne no amor de seu filho Jesus.

Para fazer parte da Igreja é necessário responder ao chamado e ser INICIADO À VIDA CRISTÃ por meio dos SACRAMENTOS PASCAIS – Batismo, Confirmação e Eucaristia. Neste sentido é muito expressiva a oração que acompanha o rito da Unção com o Crisma após o Batismo: ***"Deus todo-poderoso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que fez vocês renascerem pela água e pelo Espírito Santo os libertou de todos os pecados, unge suas cabeças com o óleo da salvação para que vocês FAÇAM PARTE DE SEU POVO, como membros de Cristo, sacerdote, profeta e rei, até a vida eterna. Amém"*** (Cf. RICA 224, p. 100).

A liturgia "revela e constrói a Igreja" porque é verdadeira expressão da "QAHAL – ECCLESIA", ou seja, do POVO CONGREGADO EM ASSEMBLEIA, para escutar e obedecer a sua Palavra e ofertar-lhe o verdadeiro culto em espírito e verdade, que nada mais é do que o culto existencial da própria vida feita holocausto de amor e entregue, como a de Jesus, nas mãos do Pai. Por sua força testemunhal e dinâmica missionária, este mesmo Povo proclama as maravilhas das obras de Deus e atrai para si a outros que vão sendo acrescentados ao número dos que são salvos.

É bom repetir em cada liturgia: ***"Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo"***, ou seja, nesta celebração nos encontramos como Povo de Deus, chamado e congregado no amor da Trindade, a fim de ser para o mundo expressão visível do "Corpo de Cristo e o Templo do Espírito Santo" (Cf. Prefácio dos DTC VIII, MR 55, p. 435).

9) ESCATOLÓGICA

Lemos na Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II: "***NA LITURGIA TERRENA, ANTEGOZANDO, PARTICIPAMOS DA LITURGIA CELESTE***, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, ***PARA A QUAL, PEREGRINOS, NOS ENCAMINHAMOS.*** Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro; com toda a milícia do exército celestial entoamos um hino de glória ao Senhor e venerando a memória dos Santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que Ele, nossa vida, Se manifeste, e nós apareçamos com Ele na glória" (SC 8).

Os Ritos litúrgicos estão permeados de orações que apontam para esta característica escatológica da liturgia. Confiramos alguns exemplos nos textos eucológicos do Missal Romano e outros Rituais:

Nos Prefácios e Orações Eucarísticas:

Os prefácios do advento são particularmente expressivos ao falar da "dupla vinda de Cristo" e de apresenta-lo como "Senhor e Juiz da História":

"Revestido da nossa fragilidade, ele veio a primeira vez para realizar o seu plano de amor e abrir-nos o caminho da salvação. Revestido de sua glória ele virá uma segunda vez para conceder-nos em plenitude os bens prometidos que hoje, vigilantes, esperamos" (Cf. Pf. Ad I, MR, p. 406).

"Vós preferistes ocultar o dia e a hora em que Cristo, vosso Filho, Senhor e Juiz da História, aparecerá nas nuvens do céu, revestido de poder e majestade. Naquele tremendo e glorioso dia, passará o mundo presente e surgirá novo céu e nova terra. Agora e em todos os tempos, ele vem ao nosso encontro, presente em cada pessoa humana, para que o acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade, enquanto esperamos a feliz realização de seu Reino. Por isso, certos de sua vinda gloriosa, unidos os anjos, vossos mensageiros, vos louvamos..." (Cf. Pf Ad IA, MR, p, 407).

Outros Prefácios:

"E, enquanto esperamos a plenitude eterna, proclamamos a vossa glória, cantando (dizendo) a uma só voz:" (Cf. Pf. da Quaresma II, MR, p. 415).

"Pela penitência da quaresma, corrigis nossos vícios, elevais nossos sentimentos, fortificais nosso espírito fraterno e nos garantis uma eterna recompensa, por Cristo, Senhor nosso. Por ele, os anjos celebram a vossa grandeza e os santos proclamam a vossa glória. Concedei-nos também a nós associar-nos a seus louvores, cantando... (Cf. Pf da Quaresma IV, MR, p. 417)

"Ele, nossa cabeça e princípio, subiu aos céus, não para afastar-se de nossa humanidade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade" (Pf. da Ascensão do Senhor I, MR, p. 426).

"Subindo, triunfante, ao céu, abriu-nos as portas da eternidade. E, enquanto esperamos a plenitude de vosso Reino, com os anjos e com todos os santos, nós vos aclamamos..." (Cf. Pf. dos DTC IV, MR, p. 431).

"Em vós vivemos, nos movemos e somos. E, ainda peregrinos neste mundo, não só recebemos, todos os dias, as provas de vosso amor de Pai, mas também possuímos, já agora, a garantia da vida futura. Possuindo as primícias do Espírito, por quem ressuscitastes Jesus dentre os mortos, esperamos gozar, um dia, a plenitude da Páscoa eterna" (Cf. Pf. dos DTC VI, MR, p. 433).

"Hoje, vossa família, para escutar a vossa Palavra e repartir o Pão consagrado, recorda a Ressurreição do Senhor, na esperança de ver o dia sem ocaso, quando a humanidade inteira repousará junto de vós. Então, contemplaremos a vossa face e louvaremos sem fim a vossa misericórdia. Por isso, cheios de alegria e esperança, unimo-nos aos anjos e a todos os santos, cantando..." (Cf. Pf. DTC IX, MR, p. 436).

"Vosso Filho, obediente até à morte na Cruz, nos precedeu no caminho de volta para vós, que sois o fim último de toda a esperança humana. Na eucaristia, testamento de seu amor, ele se fez comida e bebida espirituais, que nos sustentam na caminhada para a Páscoa eterna. Com esta garantia da ressurreição final, esperamos participar do banquete do vosso Reino" (Cf. Pf. da SS. Eucaristia III), MR, p. 441. Título: *A Eucaristia, viático para a Páscoa eterna*).

"(...) Assistidos por tão grandes testemnhas possamos correr com perseverança, no certame que nos é proposto e receber com eles a coroa imperessível, por Cristo, Senhor nosso. Enquanto esperamos a glória eterna..." (Cf. Pf. dos Santos I, MR, p. 451).

"(...) e aguardamos, com firme esperança, a sua vinda gloriosa, no fim dos tempos" (Cf. Pf. Comum V, MR, p. 460).

Os Prefácios dos Defuntos são carregados de expressões que nos fazem afirmar a fé escatológica e de onde podemos extrair uma salutar teologia litúrgico-escatológica (Cf. MR, p. 462-466):

"Nele, brilhou para nós a esperança da feliz ressurreição. E, aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola. Senhor, para os que creem em vós, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado nos céus um corpo imperecível. E, enquanto esperamos a realização das vossas promessas, com os anjos e todos os santos..." (Pf. dos fiéis defuntos I).

"Entregou de boa vontade a sua vida, para que pudéssemos viver eternamente" (Pf. dos fiéis defuntos II).

"Ele é a salvação do mundo, a vida dos homens e das mulheres e a ressurreição dos mortos. Enquanto esperamos a glória celeste..." (Pf. dos fiéis defuntos III).

"Por vossa ordem, nós nascemos; por vossa vontade, somos governados e, por vossa sentença, retornamos à terra por causa do pecado. Mas, salvos pela morte de vosso Filho, ao vosso chamado despertamos para a ressurreição. E, enquanto esperamos a glória eterna..." (Pf. dos fiéis defuntos IV).

"Por nossa culpa, somos condenados a morrer; mas, quando a morte nos atinge, vosso amor de Pai nos salva. Redimidos pela morte de vosso Filho, participamos de sua ressurreição. E, enquanto esperamos a plenitude do Reino dos céus..." Pf. dos fiéis defuntos V).

Aclamação memorial, após as palavras da Consagração:

"Vinde, Senhor Jesus!" ou, "Enquanto esperamos a vossa vinda!".

O memento pelos defuntos:
"A eles, e a todos os que adormeceram no Cristo, concedei a felicidade, a luz e a paz" (Cânon Romano); "Acolhei-os junto a vós a luz da vossa face" (OE II); "No dia em que ele ressuscitar os mortos, tornando o nosso pobre corpo semelhante ao seu corpo glorioso [Fp 3,21]" – "Esperamos também nós saciar-nos eternamente da vossa glória, quando enxugardes toa lágrima dos nossos olhos. Então, contemplando-vos como sois, seremos para sempre semelhantes a vós e cantaremos sem cessar os vossos louvores" (OE III). "(...) abrindo vossos braços, acolhei-os. Que vivam bem felizes, no reino que para todos preparastes" (OE V).

No Batismo

"Recebam, portanto, a veste batismal, que devem conservar sem mancha até a vida eterna, conservando a dignidade de filho e filha de Deus" (Cf. Veste batismal: RICA 225, p. 100).

"Deus tornou vocês luz em Cristo. Caminhem sempre como filhos da luz, para que, perseverando na fé, possam ir ao encontro do Senhor com todos os Santos no reino celeste" (Cf. Entrega da luz: RICA 226, P. 101).

No memento da OE, quando ao recordar os neófitos, se diz:
"Recebei, ó Pai com bondade, a oferenda dos vossos servos e de toda a vossa família. Nós as oferecemos também por aqueles que fizestes renascer pela água e o Espírito Santo, dando-lhes a remissão de todos os pecados, a fim de que os encontreis em nosso Senhor Jesus Cristo, e seus nomes sejam inscritos no livro da vida" (Cf. MR p, 792).

No Matrimônio
"Enfim, após uma vida longa e feliz, alcancem o reino do céu e o convívio dos santos" (Cf. Bênção Nupcial: RM 73, p. 35-37).

"Enfim, ó Pai celeste, concedei a N. e N., que hoje se uniram em vossa presença (e vão participar da mesa sagrada), a graça de participarem um dia do banquete do céu" (Cf. Bênção Nupcial: RM 242, p. 120)

"Enfim, após uma vida longa e feliz, possam, com os amigos que os cercam, chegar ao reino do céu" (Cf. Bênção Nupcial: RM 244, p. 121).

Na Reconciliação:
"Para que possamos alcançar de modo digno e justo o prêmio da imortalidade" (Cf. Oração para concluir a Ação de Graças: RP 57/4, p. 74).

Oração sobre as oferendas:
"Acolhei, ó Pai, os dons que recebemos da vossa bondade e trazemos a este altar. Fazei que estes sagrados mistérios, pela força da vossa graça, nos santifiquem na vida presente e nos conduzam a eterna alegria" (17º DTC).

"(...) o sacrifício que vamos oferecer nos traga a graça da salvação, e o vosso poder leve à plenitude o que realizamos nesta liturgia" (22º DTC).

"(...) pelos mistérios que celebramos em vossa honra, completai a santificação dos que salvastes" (27º DTC).

"(...) para que o nosso culto filial nos leve à glória do céu" (28º DTC).

"Concedei, Senhor nosso Deus, que a oferenda colocada sob o vosso olhar nos alcance a graça de vos servir e a recompensa de uma eternidade feliz" (33º DTC)

Orações depois da comunhão:

No Advento:

"(...) amar desde agora o que é do céu e, caminhando entre as coisas que passam, abraçar as que não passam" (1º DAd).
"(...) julgar com sabedoria os valores terrenos e colocar nossas esperanças nos bens eternos" (2º DAd).

No tempo Comum:

"Concedei-nos alcançar a salvação eterna, cujo penhor recebemos neste sacramento" (7º DTC)

"(...) que este sacramento, alimentando-nos na terra, nos faça participar da vida eterna" (8ª DTC).

"(...) para merecermos entrar no reino dos céus" (9º DTC).

"(...) que possamos receber um dia, resgatados para sempre, a salvaçãoque devotamente estamos celebrando" (12º DTC).

"Unidos a Cristo por este sacramento, nós vos imploramos, ó Deus, que, assemelhando-nos a ele aqui na terra, participemos no céu da sua glória" (20º DTC).

"(...) concedei-nos, por estes dons do vosso filho, viver com ele para sempre" (23º DTC).

"(...) para que, participando da paixão de Cristo neste mistério, e anunciando a sua morte, sejamos herdeiros da sua glória" (26º DTC).

"(...) que os vossos sacramentos produzam em nós o que significam, a fim de que um dia entremos em plena posse do mistério que agora celebramos" (30º DTC).

Pelos agonizantes:

"Ó Deus, pela graça deste sacramento, sustentai o(a) vosso(a) filho(a), a fim de que na hora da morte, não o vença (a) o inimigo, mas seja por vossos Anjos transportado(a) para a vida eterna" (MR p. 926).

Por fim, a cada noite a Igreja nos faz rezar o Nunc Dimitis (Cântico de Simeão), a fim de que não nos esqueçamos desta transitoriedade passageira que é a vida terrena. Ainda, ao finalizar com a bênção: ***"O Senhor todo-poderoso nos conceda uma noite tranquila e, no fim da vida, uma morte santa"***, como que nos faz não perder de vistas o céu, nossa derradeira esperança Pascal.

E, para que tenhamos uma imagem perfeita da obra de Deus plenamente realizada na realidade de nossa humanidade ainda nos faz volver o olhar para a Virgem Maria, já glorificada por sua fidelidade aos desígnios do Pai e perfeitamente configurada ao seu Filho na glória definitiva. Nela podemos ver introduzida no céu a nossa humanidade. Então, pois, ***"Que pela intercessão da Virgem Maria, elevada ao céu"*** Deus nos conceda ***"chegar à glória da ressurreição"***. Amém! (Cf. Missa da Assunção de Nossa Senhora: Depois da comunhão. MR, p. 640).

Pe. José Adalberto Salvini
Diocese de Jaboticabal